



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, fornecer um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format.

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

MERIDIANO 47



INSTITUTO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 1518-1219

Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais

Nº 89
Dezembro – 2007

S U M Á R I O

- | | | |
|----|---|------------------------------|
| 2 | A Operação Condor e a Europa | Pio Penna Filho |
| 4 | Do fracasso do Iraque ao sonho do Irã | Virgílio Arraes |
| 6 | Integração física regional e biocombustíveis | José Alexandre Altahyde Hage |
| 9 | China e Índia – a disputa por “Soft Power” | Paulo Antônio Pereira Pinto |
| 12 | A Amazônia internacionalizada: considerações sobre a fronteira setentrional | Felipe Kern Moreira |
| 14 | Um novo <i>status</i> para Kosovo: o jogo de três níveis no futuro da província | Rafael da Soler |
| 17 | <i>La voix de la raison e de la tolérance</i> : o problema histórico da pena de morte e sua suspensão universal anunciada pela Assembleia Geral das Nações Unidas | Raphael Spode |
| 21 | O Campo Tupi e a revolução do perfil energético brasileiro | Evandro Farid Zago |

Do fracasso do Iraque ao sonho do Irã

VIRGÍLIO ARRAES*

O hipotético projeto para investir-se contra o Irã parece seguir o mesmo aplicado ao Iraque: primeiramente, apresentar o país como uma ameaça militar além da esfera regional, o que desencadearia a necessidade de a comunidade internacional mobilizar-se, a princípio por intermédio da Organização das Nações Unidas.

Ainda que não houvesse indícios substantivos para que o plenário onusiano subscrevesse uma intervenção bélica imediata, uma cominação seria dirigida pelo governo norte-americano ao seu público – com natural repercussão global – com vistas a afirmar que a segurança do país seria assegurada, sem depender da eventual leniência de organismos internacionais.

Ao mesmo tempo, manifestar-se-ia a preocupação com a sociedade de lá, ao anunciar-se a sua libertação do duradouro jugo ditatorial, paralelamente à eliminação do perigo militar, de maneira que finalmente um regime democrático se conjugaria com a estabilidade local. Grupos desterrados auxiliariam a remodelar o país, ao atrair investimentos externos, mão-de-obra capacitada e tecnologia de ponta. Todavia, implicações relacionadas com a principal fonte de sustentação econômica do país em comento – no caso, petróleo e, em menor escala, gás – seriam anteriormente mencionadas de forma discreta, visto que questões imateriais sobrepor-se-iam a elas.

No Iraque, o roteiro falhou, não obstante a propaganda inicial da liberação da população local, com o país esfacelado atualmente em uma guerra civil sem vislumbre de interrupção próxima, com reflexos na política interna da Turquia, por causa dos curdos, e na do Irã, por causa dos xiitas.

No plano econômico, a desastrosa intervenção contribuiu, sem dúvida, para o reajuste brusco do

petróleo. Curiosamente, no dia 13 de setembro último, o Presidente George Bush vinculou a ocupação do país à necessidade de proteger fontes energéticas de extremistas, ou seja, terroristas.

Entretanto, o infortúnio no Iraque não arrefeceu nem o ânimo, nem a imaginação fértil dos formuladores neoconservadores, cuja ascensão intelectual havia-se desencadeado em meados dos anos 70, de sorte que se cogita ainda uma intervenção no Irã, apesar do relatório do início do mês de dezembro dos organismos de informação e análise desqualificando a vertente militarizada do programa nuclear pérsio – interrompida há quatro anos.

Acrescente-se que Teerã não ameaçou até o momento invadir eventualmente o Iraque, em solidariedade à população xiita local, ou interromper o fluxo cotidiano de fornecimento de petróleo, ainda que se mantenha de modo inamistoso perante Israel.

Na prática, uma força naval estadunidense situa-se próxima do estreito de Ormuz, por onde se encaminha diariamente 1/5 da produção mundial petrolífera, com o fito de apenas supostamente acautelar medidas intempestivas do governo iraniano.

Apesar dos recentes avanços tecnológicos sobre biocombustível – confronte o caso do etanol – a dependência extrema no que concerne a petróleo e gás perdurará por muitos anos, de maneira que naturalmente se evoca à mente o período em que o consumo – hoje, próximo de 85 milhões de barris por dia – superará a produção. As previsões atuais estimam entre 2015 e 2020 o declínio da extração do produto.

Nesse sentido, diante do cabedal de solidariedade acumulado pelos republicanos em decorrência do ataque terrorista de setembro de 2001 e desperdiçado a partir de março de 2003 quando da invasão do Iraque, qual seria a postura dos democratas perante

* Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília – iREL-UnB (arraes@unb.br).